

Anti  
utopia



A METAFÍSICA  
DAS SOMBRAS  
*Vendo Coisas Escuras*

# antiutopia.space

*A verdade é a única subversão*

Filosofia • Universo • Sapiens • Midiarte • Paranoia • Escuridão

# A Metafísica das Sombras: Parte IV

*Vendo Coisas Escuras*

Lauro Edison  
2015

Capa: recorte de [Prisma](#) [fonte original desconhecida]

## Vendo Coisas Escuras

Eu olho pela janela / Eu vejo só escuridão  
Eu tô debaixo da terra / Será que é tudo ilusão?

– Rogério Skylab, *Metrô*

**E**is um princípio, enunciado pelo filósofo Thomas Reid já em 1814, que parece uma indisputável verdade científica moderna: “Nós não vemos nenhum objeto, a menos que raios de luz venham dele até os olhos”<sup>(238)</sup>. Em seu *Perceiving: A Philosophical Study*, de 1957, à página 144, Roderick Chisholm inclui, como condição necessária para que um objeto  $x$  seja visto, que “luz transmitida a partir de  $x$  estimule um receptor visual de  $S$ ”, onde ‘ $S$ ’ é o sujeito que observa a cena. Tão rigoroso. Mas está estritamente errado: insistir que o objeto visto deva refletir luz em nossos olhos, como nota Sorensen, “implica que nós não vemos sombras, corvos e as letras pretas da página”<sup>(239)</sup> – pois tanto sombras, que são ausências de luz, quanto objetos pretos, que absorvem toda a luz, não refletem luz alguma. Ainda assim, são perfeitamente visíveis. E a razão de serem visíveis é que formam *contrastes* com seus arredores iluminados: são visíveis justamente porque *não* refletem luz. Como veremos a seguir, ver a ausência de luz é apenas uma das formas como nós, literalmente, *interagimos com ausências*.

Ver o escuro quando este é rodeado por luz pode não ser tão estranho. Mas e quando a escuridão é total, não havendo quaisquer contrastes? “Nós somos naturalmente inclinados a negar que nós vemos qualquer coisa na completa escuridão. Para ver, nós precisamos de luz. No escuro, não há luz; portanto, nós não vemos”<sup>(238)</sup>. Mas quem disse que, para ver, precisamos de luz? Segundo Sorensen, nem isso é certo: nós de fato vemos algo no escuro — a própria escuridão!

A coisa que nós vemos, quando vemos no escuro, é o escuro. Escuridão é uma ‘coisa’ intrigante. Graças à investigação óptica de Isaac Newton, sabemos que escuridão é mera ausência de luz. A natureza negativa [*privational*] da escuridão aprofunda a relutância em dizer que vemos no escuro, pois se nós estamos vendo escuridão total, nós estamos vendo uma ausência. Muitos filósofos dizem que nós vemos um estado de coisas positivo e então inferimos uma ausência. Poucos pensam que nós percebemos ausências diretamente. Mas eu penso que nós percebemos diretamente a escuridão, do mesmo modo que percebemos as sombras diretamente. Sombras são de algum modo menos intrigantes, porque tipicamente há uma combinação de luz e escuro. Mas eu argumento que a escuridão completa é meramente sombra não limitada pela luz.<sup>(239)</sup>

De fato: *ver* a total escuridão é diferente de, como um cego, *não ver*. Mas é importante entender isso com cuidado: as duas experiências subjetivas, a do cego e a da pessoa no escuro, *podem bem ser idênticas*. Elas são? Às vezes, se acordamos no total escuro, desconfiamos por um momento de que estamos cegos. Como explica Sorensen, “pessoas com visão tendem a conceber a cegueira como uma experiência constante de escuridão”. Surpreendentemente, contudo, “pessoas cegas negam ver escuridão” (*On Blindness*<sup>(1995: 11)</sup>, de Magee e Millingan, é a fonte citada por Sorensen). Ele então conclui que “cegueira é uma ausência de experiência em vez de uma experiência de ausência. É como a ‘experiência’ que você tem atrás de sua cabeça onde você não possui olhos”<sup>(245)</sup>.

Duas coisas!

Primeira, a última sugestão me atinge ao mesmo tempo como iluminadora e enigmática: por um lado, se cegos não vêem mesmo *nada*, sequer um borrão preto, essa é de longe a melhor maneira de explicar, para alguém que vê, como é ser cego; no entanto, não é como se entendêssemos bem a

sugestão — pois o fato é que, *em nosso próprio caso*, a ausência de experiência visual que ‘temos’ atrás da cabeça é de certo modo incompreensível: tente apenas entender o estranho fato de que seu campo visual não é de 360 graus e, ainda assim, não tem borda! E, aliás, como você poderia ter a experiência *de tal borda*, se ela é a fronteira entre a própria experiência e a ausência de experiência?!<sup>1</sup>

Segunda, e mais importante aqui, ainda que haja cegos *sem experiência visual alguma*, conforme sugere Sorensen, isso é uma distração para o ponto central sobre perceber ausências: pois certamente há outros cegos cuja experiência é de total escuridão, e nem por isso eles *vêm* escuridão; ao contrário da pessoa com visão que está no total escuro, e que *vê* o escuro, tais cegos *também não vêem*: embora seu tipo de cegueira não seja uma *ausência de experiência visual*, pois eles experienciam preto, ainda assim é uma *ausência de visão*, pois o preto que eles experienciam não tem qualquer relação com o mundo externo nem com ausência de luz no ambiente. Já a pessoa com visão está em posição de ser *afetada* pela ausência de luz em certo ambiente: ela literalmente *vê* a escuridão objetiva do local. E como Sorensen diz:

Quando uma mulher com visão está na completa escuridão, ela experiencia apenas a escuridão à frente de seu rosto. Ela não experiencia escuridão atrás de sua cabeça. Para verificar se está escuro atrás de sua cabeça, ela precisa virá-la e dar uma olhada. (246)

O cego, é claro, não pode fazer o mesmo: sua experiência visual de preto não é um tipo de *percepção do ambiente*; não é visão.

Mas como podemos, literalmente, *perceber ausências*? Se seguirmos Sorensen em adotar a teoria causal da percepção, segue-se que as ausências precisam causar a nossa percepção. Como isso é possível? Uma árvore causa a nossa visão dela ao refletir luz em nossos olhos; objetos pretos, silhuetas e sombras causam a nossa visão deles por formarem contrastes com a luz que o resto do ambiente envia a nossos olhos. Mas como *puras ausências*, como a

---

<sup>1</sup> Note que seu campo de visão é literalmente a sua experiência visual — para que sua experiência *incluísse* uma borda (como a borda dessa página), precisaria paradoxalmente incluir a ausência de experiência ao lado da experiência. Isso, é claro, faria da ‘ausência de experiência’ uma parte da própria experiência. Agora esse tipo de paradoxo não é exclusivo da experiência subjetiva: o exato mesmo problema ocorre se você tenta conceber um Espaço finito — como pode *não haver espaço* após a borda que encerra o Espaço? Mas se houver espaço, a ‘borda’ não é borda nenhuma. Meu palpite é que bordas *sem transbordadores* não apenas são possíveis como, de fato, concebíveis: nosso campo visual é exatamente um exemplo desse tipo de situação; um espaço finito seria, metafisicamente, como o nosso campo visual — fazendo fronteira com o nada.

total escuridão, podem causar nossa percepção, ou causar seja o que for? Talvez apenas possam. Os exemplos de Sorensen são convincentes: “mineiros presos são mortos pela ausência de oxigênio”<sup>(13)</sup>; “o espaço vazio é mortal. Mas não por causa do que ele faz. O espaço vazio é letal por causa do que ele *deixa* de fazer”, pois ele “deixa de exercer a pressão necessária para evitar que seu sangue ferva”<sup>(190)</sup>. Além disso, “as diferenças entre ausências são objetivas. Membros da Expedição Antártica Nacional Britânica foram mortos em 1912 pelo frio [ausência de calor]. Eles não foram mortos pelo silêncio ou pelo escuro”<sup>(274)</sup>.

Por fim, ele vai longe a ponto de afirmar que buracos são tangíveis, isto é, que podem ser tocados:

Muitos filósofos têm afirmado o princípio de que apenas coisas materiais podem ser tocadas. (...) Mas nós de fato *falamos* de sentir buracos e rachaduras. (...) Psicólogos comparam quão grande um buraco parece ao toque com quão grande ele parece à vista. Quanto menor o buraco, mais o seu tamanho é superestimado pelo dedo e especialmente pela língua. (...) Uma quantidade surpreendente de psicologia pressupõe que buracos podem ser tocados.<sup>(125-6)</sup>

Considere um furo em meu bolso. Tal ausência causa a passagem de meu dedo através do revestimento. A sensação de escorregar e atravessar até minha perna constituem a sensação de um furo em meu bolso. Eu posso determinar o diâmetro do furo inserindo mais dedos nele. Meus dedos são preenchedores ativos do furo. Eu não estou sentindo o furo por sentir meus dedos. Eu estou sentindo o furo. (...) Sentir buracos requer uma experiência holística que abrange transições entre o buraco e seu portador.<sup>(128)</sup>

E aqui também há uma diferença entre *nada sentir* e *não sentir nada* (a expressão ideal aqui, ‘sentir nada’ [em inglês: *feeling nothing*], é agramatical em português<sup>2</sup> – o ponto é, *não sentir nada* ainda é uma forma de *sentir*): “o hanseniano com dedos dormentes não pode sentir os botões ou os buracos de botões de sua camisa. Sua incapacidade para sentir os buracos de botões é uma incapacidade para sentir ausências”<sup>(129)</sup>. E como veremos no fim do texto, “a tangibilidade dos buracos sugere um modo (altamente hipotético) de o céu ser tocado”<sup>(129)</sup>.

---

<sup>2</sup> O linguista Sírio Possenti explicou a situação de forma breve e definitiva no esclarecedor artigo *Dupla Negação* da revista *Ciência Hoje*: [http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/3104/n/dupla\\_negacao](http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/3104/n/dupla_negacao).

Vale notar, contudo, que *sombras* não podem ser tocadas:

Buracos (e rachaduras) tangíveis devem sua tangibilidade à tangibilidade de seus revestimentos. À medida que o revestimento se torna menos tangível, o mesmo ocorre com o buraco. Sombras são buracos na luz e assim não podem derivar tangibilidade de seu portador intangível. <sup>(131)</sup> (...) no entanto todas as sombras possuem tamanho, forma, localização e orientação. Sombras, portanto, são fortes exemplos de intangíveis que têm propriedades espaciais. <sup>(132)</sup>

Mas se a total escuridão é “meramente sombra não limitada pela luz”, ela não pode ser tocada. Outra vez: como pode então ser *vista*? Não é por ter qualquer espécie de *contato* com nossos olhos! Mas isso é justamente o que nos dá a resposta certa: ela é vista precisamente por *não ter contato* com nossos olhos. Nossos olhos estão abertos e registrando a cena. A total ausência de *input* luminoso é, em si mesma, a informação visual registrada. Assim a ausência de luz literalmente *causa* a nossa visão do escuro, e o faz *deixando* de impactar nossos olhos. É essa a profunda diferença entre *perceber nada* e *não perceber*. Considere o caso da audição: “Como ouvir silêncio é diferente de não ouvir? Ouvir silêncio é a percepção bem sucedida de uma ausência de som. Não é um fracasso em ouvir o som. Uma pessoa surda não pode ouvir o silêncio” <sup>(267)</sup>. De fato. Pense na óbvia diferença entre um gravador *registrando silêncio* e um gravador desligado que, assim, *nada registra*.

Por tudo isso, Sorensen me parece estar no caminho certo aqui: ausências de fato têm poderes causais, e assim podemos percebê-las.



# A cor do escuro e a obscuridade das cores

O preto é a única cor que não tem cor.

– Desciclopédia, Preto

Há uma diferença fundamental entre o escuro e o silêncio: “ouvir o silêncio não envolve uma sensação de silêncio. Enquanto há uma cor da escuridão (preto), não há nenhum som do silêncio”<sup>(19)</sup>. Por um lado, “há uma experiência de cor dedicada à escuridão. Preto pode ser comparado a outras cores. Por exemplo, preto (visualmente) lembra mais o roxo do que o rosa”<sup>(270)</sup>. Por outro, “ouvir o silêncio é a mais negativa das percepções: não há nada positivo sendo detectado e nenhuma sensação positiva que representa essa ausência”<sup>(272)</sup>. Por isso, “o objeto próprio da audição é, em certo sentido, mais complicado de especificar do que o objeto da visão. Há uma cor correspondendo à privação de luz. Mas não há nenhum som correspondendo à privação de som”<sup>(276)</sup>. A diferença ocorre também em outras esferas: a ausência de cheiro não possui nenhum *odor* associado, mas a ausência de calor possui uma *sensação térmica* associada – o frio.

O que exatamente está ocorrendo em todos esses casos?

De certo modo, ninguém sabe muito bem: a confusão científica e filosófica reina. Pra começar, as coisas são *ainda mais complicadas*, pois as afirmações de Sorensen, acima, assumem “a impopular ideia de que preto é uma cor” – palavras do já citado Aranyosi<sup>(2008: 515)</sup> (cf. pt. I). E mesmo entre os que aceitam que preto é uma cor, a maioria nega que a escuridão – a mera ausência de luz – seja preta: apenas *objetos*, cuja superfície absorve luz, podem ser pretos. Assim o cientista das cores, Irvin Rock, afirma que “um quarto escuro parece escuro, não preto. Escuridão é a experiência correlacionada com a ausência de luz, mas esse não é o caso do preto. Para a cor preta ser experienciada, certas condições específicas de contraste luminoso precisam ocorrer”<sup>(1975: 503)</sup>. Tal bagunça intelectual, no entanto, vai muito mais longe: o que são *cores*? O que é *som*? Explicações diferentes, discrepantes e incoerentes estão por toda a parte na literatura.

Até que ponto é possível dar ordem a esse caos?

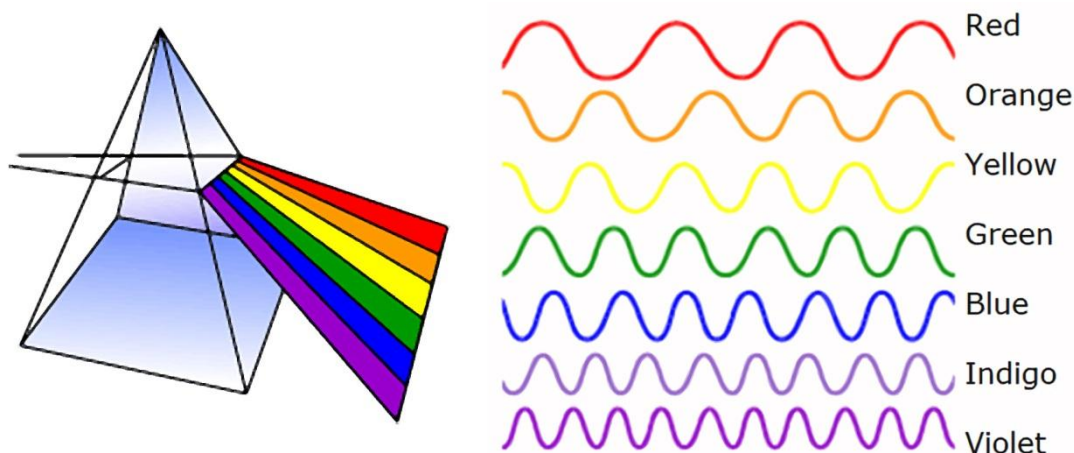
Sorensen tenta explicar a situação do preto: “a aversão às coisas negativas está por trás das anomalias da cor preta. Outras cores são vistas em virtude de estimulação luminosa. A própria luz pode ser colorida mas não po-

de ser preta. Muitos são tentados a negar que preto seja uma cor”<sup>(16)</sup>. De fato, é fácil encontrar na internet afirmações pedantes nesse estilo: “a definição científica [de cor] exclui o preto, a ‘definição’ popular o inclui”<sup>[physicsforums]</sup>. E ~~ainda se lê~~ até pelo menos 2015, quando esse texto foi escrito, ainda se lia na Wikipedia que “o preto absorve luz e é uma *ausência de cor*”<sup>[Web Archive: Wikipedia|Black]</sup>. Mas a primeira frase da página também [era]: “preto é a *cor* do carvão, do ébano e do espaço sideral” (ênfases minhas). Oras, preto é uma cor ou é a ausência de cor?

É chegada a hora de perguntar: o que são cores, exatamente?

Supostamente há uma ‘definição científica’ de cor, e é por ela que vamos começar. Como se lê na Wikipedia, “pode-se definir formalmente uma cor como uma classe de espectros que dão origem à mesma sensação de cor”<sup>[Color]</sup>, onde ‘espectros’ se refere aos diversos comprimentos de onda da luz. Nesse caso, *cores são comprimentos de ondas de luz*. Isso certamente espelha a análoga definição científica de som: “som é uma vibração, tipicamente audível, que se propaga como uma onda mecânica de pressão e de deslocamento, através de um meio como ar ou água”<sup>[Wikipedia: Sound]</sup>.

Você pode encontrar essa espécie de ‘explicação oficial das cores’ em fontes tão autoritativas quanto o site da NASA. Lá você pode aprender que “cada cor é um diferente comprimento de onda. Violeta possui o mais curto comprimento de onda [visível], em torno de 380 nanômetros, e vermelho possui o mais longo, em torno de 700”. Além disso, “o experimento de Isaac Newton em 1665 mostrou que um prisma inclina a luz visível e que cada cor é refratada em um ângulo ligeiramente diferente, dependendo do comprimento de onda da cor”<sup>[MissionScience]</sup>. Nas imagens que acompanham o texto linkado, você pode ver as cores sendo separadas pelo prisma e os diferentes comprimentos de onda das cores:



Antes de mais nada, um esclarecimento: se você está confuso sobre a relação entre os raios da esquerda e as ondas da direita, a ideia básica é que os raios são as próprias ondas ‘vistas de longe’ – assim como a pele lisa, vista no microscópio, é um conjunto de células. Vale dizer, também, que nesse enquadramento *há cores que não vemos*: se o comprimento de onda é mais longo que o vermelho, temos luz infravermelha; se é mais curto que o violeta, temos luz ultravioleta. Ambas são invisíveis para olhos humanos. Mas algumas das primeiras são visíveis para certos peixes; e algumas das últimas são visíveis para muitos pássaros e insetos.

Agora note que não existe raio ou onda de luz *preta*: o ‘preto’ é justamente a ausência de raios ou ondas de luz. Nenhuma *cor* é preta – essa é a ideia fundamental. Ass.: Ciência. Assim como o silêncio, que é a ausência de ondas no ar, não é um som, também o preto, que é a ausência de ondas de luz (isto é, de *cores*), não é uma cor.

Ponto final? Como não? Afinal, seria de esperar que a explicação científica da NASA fosse confiável... Certo? Errado. Se você achar que um conselho meu vale algo, confie bem menos em educadores e cientistas, e bem mais em filósofos: só estes últimos estão devidamente atentos aos detalhes de cada teoria; os primeiros, ao contrário, facilmente ficam deslumbrados com a suposta ‘força empírica’ de explicações superficiais. Essa ‘teoria científica da cor’ é de fato um caso paradigmático de tal tendência. Como Sorensen nota, ‘preto’ é uma palavra para cor que é não só universal, mas *prioritária* em todas as culturas humanas. Se a cultura menciona apenas duas cores, estas são preto e branco. Se menciona três, a cor adicionada é sempre o vermelho, “e então vem o verde e o azul” (*Basic Color Terms* (1991), de Berlin e Kay, é a fonte citada). Isso “torna especialmente surpreendente ouvir que, já que apenas a luz é colorida, nada é preto, mesmo que algumas coisas sejam vermelhas, verdes e azuis”<sup>(212)</sup>. O filósofo das cores C. L. Hardin coloca o ponto dessa maneira:

Perceptualmente, é tão absurdo dizer que preto é a ausência de cor quanto é dizer que branco é a presença de todas as cores. Quando pessoas falam desse modo, é porque sua fala foi contaminada pelos professores de ciência que lhes disseram que cores são certos comprimentos de onda da luz e que luz branca é aquela luz que tem como seus constituintes todos os comprimentos de onda. Para a percepção e o discurso comum, o casaco de Joseph pode ter tido muitas cores, mas a cor do vestido da noiva é apenas uma cor, branco. E seu vestido de cocktail não é incolor, mas preto. (1988: 25)

Mas então as cores não são (comprimentos de) ondas de luz? Há quem defenda que o significado da palavra ‘cor’ é ambíguo. O químico Kurt Nassau distingue três sentidos da palavra: *cor* como i) propriedade da superfície de objetos (‘grama verde’); ii) propriedade dos raios de luz (‘luz verde’); e iii) sensação visual (‘percepção do verde’). E então nos diz que ‘preto’ possui “um significado exato” no primeiro sentido, a saber, refletividade zero; que “não possui nenhum significado” no segundo sentido (não há luz preta); e significa “total ausência de sensação” no terceiro sentido. Total ausência? É o tipo de coisa que eu espero de um cientista que não é filósofo. Logo após citá-lo (201), Sorensen observa criticamente que “se preto é a ausência de sensação de cor, então não há nenhuma *cor* preta no sentido perceptual” (202), o que é obviamente falso. De fato, já em 1680 o filósofo John Locke entendia que “a ideia do Preto não é menos positiva para a Mente que a ideia do Branco, embora a causa dessa Cor no Objeto externo possa ser apenas uma ausência...” (5).

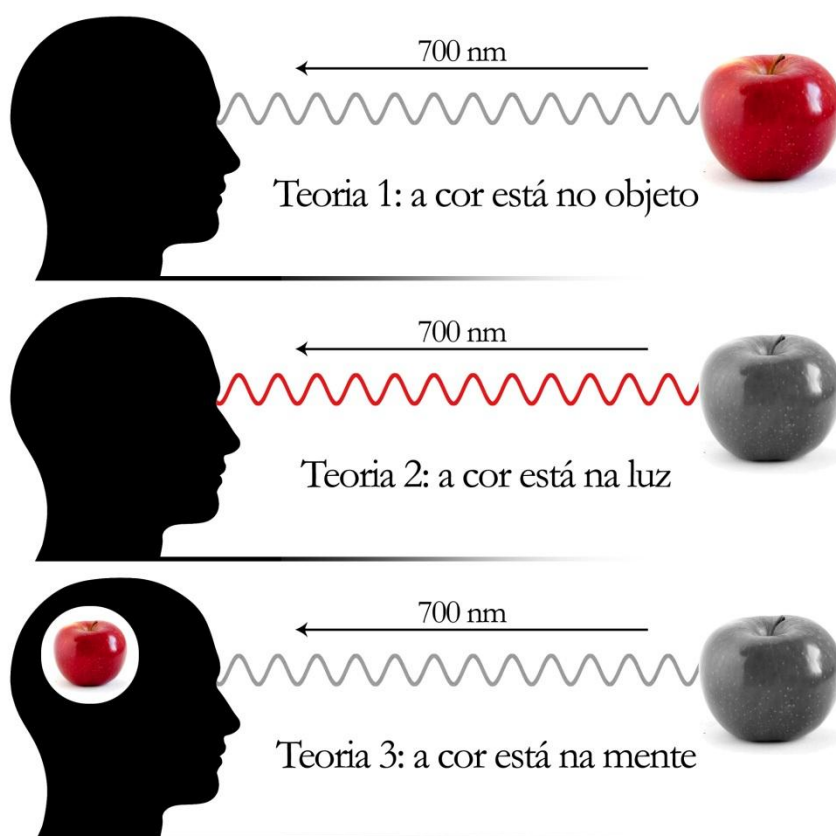
Seja como for, Nassau está farejando algo concreto com sua distinção tripla: existe um tipo de esquizofrenia semântica no meio científico que, sem muita consciência do fato, trata as cores dos três modos. O exato mesmo padrão ocorre com os sons. Ao falar sobre o silêncio, Sorensen nota que a palavra “ecoa as obscuridades semânticas de ‘som’”. O som é a vibração de um objeto? Ou consiste nas ondas produzidas pelo objeto? Ou é a sensação auditiva produzida por aquelas ondas?” (288).

No artigo *What is Sound?*, de 1999, o filósofo Robert Pasnau chega a ponto de abrir o texto afirmando que “nossa visão *standard* sobre o som é incoerente” (309), e continua, mencionando duas das três concepções:

Por um lado nós supomos que som é uma qualidade não do objeto que produz o som, mas do meio circundante (...). Por outro lado, nós supomos que som é o objeto da audição [aquilo que se escuta] (...). No entanto essas duas suposições não podem ambas estar corretas – a menos que desejemos admitir que a audição é ilusória e que nós não ouvimos os objetos que produzem os sons. (309)

A razão para isso logo ficará clara. Quanto à *terceira* concepção, Pasnau a menciona logo em seguida, apenas para rejeitá-la: “parto do princípio de que sons e outras qualidades sensíveis são características do mundo externo, não características intrínsecas de nossas experiências sensoriais” (309). Assim, sons e cores confundem os especialistas do mesmo modo: estão no objeto, no caminho entre o objeto e o observador, ou no próprio observador?

Considere uma maçã vermelha:



A princípio, a cor parece estar *onde é vista*: na própria superfície da maçã. Se, porém, levarmos a sério a terminologia da óptica, a cor se encontra literalmente na *luz vermelha* — a luz cujo comprimento de onda é de aproximadamente 700 nanômetros. Por fim, pode ser que o mundo externo seja inteiramente incolor e as cores estejam na mente do observador. O caso do som é totalmente análogo: considere uma ambulância sirenante que se distancia. A princípio, o som parece estar exatamente *onde é ouvido*: na região da ambulância e soando *cada vez mais longe* conforme ela se distancia. Mas se levarmos certo discurso científico a sério, do tipo que embasa a citada definição da Wikipedia, o som é uma vibração do ar que vem em direção ao observador — e assim está sempre *se aproximando*, mesmo quando é percebido cada vez mais longe. Por fim, a própria Wikipedia menciona, de forma tipicamente confusa, algo como a terceira concepção: “em fisiologia e psicologia, som é a *recepção* de tais ondas e sua *percepção* pelo cérebro”<sup>[Sound]</sup>. Qual a verdade aqui? Vale detalhar um pouco mais a *ampla* discordância e incoerência que a questão desperta.

A confusão já existia em Aristóteles. Pasnau (1999: 310) nos diz que ele “identificava o som como o objeto próprio da audição: ‘visão tem cor, audição som, e paladar sabor’” o que, para o meu gosto, é ambíguo entre consi-

derar que o som está onde o objeto está (teoria de tipo 1) ou na mente (3); seja como for, Aristóteles também afirma a teoria de tipo 2: ‘som é um certo movimento do ar’. Galileu inicialmente concordava com isso, dizendo que ‘sons nos vem indiferentemente de baixo, de cima e de todos os lados’ e depois mudou de ideia, afirmando que tais qualidades ‘não possuem qualquer existência real a não ser em nós’. Para Descartes, ‘a maioria dos filósofos mantém que o som não é nada senão uma certa vibração do ar que atinge nossos ouvidos’, o que é a visão *standard*. Mas então Pasnau argumenta:

Sons que foram causados à distância parecem estar à distância; eles não parecem estar vindo até você, a menos que aquilo que gera o som esteja de fato vindo até você. Segundo a visão *standard*, ao contrário, os sons vêm de um objeto, através do ar, até nossos ouvidos. Onde o som está – vindo até nós, passando por nós, em torno de nós – não é onde nós o percebemos estar. Certamente é melhor conceder que a visão *standard* está errada do que admitir que nossos ouvidos são constantemente enganados. (1999: 311)

Tais impasses não foram resolvidos na era moderna. Longe disso:

Confusões desse tipo aparecem constantemente nas explicações científicas do som. Entre físicos, o som é concebido com análogo à luz, como uma onda que passa através de um meio. John Tyndall, em seu trabalho clássico sobre a física do som, ocasionalmente localiza o som dentro do cérebro, e ocasionalmente dentro do objeto que produz o som. Mas mais frequentemente Tyndall fala de sons como propagados através de um meio. Thomas Rossing começa um recente livro didático observando que ‘a palavra *som* é usada para descrever duas coisas diferentes: (1) uma sensação auditiva no ouvido; (2) a perturbação em um meio, a qual pode causar essa sensação’. Psicólogos frequentemente adotam a mesma visão. Stephen Handel escreve que ‘a vibração do corpo sonante leva à propagação do som’. Brian Moore distingue entre ‘sons que entram pelo ouvido e as sensações que eles produzem’. O corpo vibrante que produz o som é sempre descrito como a mera fonte e origem do som. O som em si é suposto estar em outro lugar.

(1999: 318)

O próprio Pasnau, contudo, acabou contribuindo para o caos. Para ele, sons são “como as cores”: estão no objeto e não no meio. São vibrações do objeto. Assim, não é bem que os objetos *fazem* ruídos ou sons: do mesmo modo que os objetos *têm* cores, eles *têm* sons. Uma consequência chocante dessa tese é que “assim como nós somos inclinados a dizer que objetos man-

têm suas cores no escuro, nós deveríamos dizer que objetos produzem sons no vácuo” (1999: 322). “As condições apenas são ruins para ouvir o som”, explica Sorensen (281) — quem, por sua vez, insiste com a tradição em identificar sons com ondas acústicas (284). Vendo a discordância de ambos, o já mencionado O’Callaghan (cf. pt. I) prefere dizer que sons são “*eventos* no qual objetos ou corpos interagindo perturbam, ou põem em movimento, um meio circundante” (2011: 189) (ênfase minha), o que me parece uma forma surreal de misturar as duas concepções. Qualquer um pode ser desculpado por perder a esperança de entendimento quando lê, nas primeiras páginas do verbete **Sons** da SEP, a chuva de questões e teorias disponíveis:

Sons são o conteúdo da percepção auditiva. Mas o que eles são? Os sons são particulares [*individuals*]? Eventos? Propriedades de objetos sonantes? Se eles são eventos, que tipo de eventos eles são? Qual a relação entre sons e objetos sonantes? (...) Onde estão os sons? Eles estão em algum lugar? (...) [estão] onde quem ouve está (...) no meio entre o objeto ressonante e aquele que ouve (...) no objeto ressonante (...) [ou em lugar nenhum][?]

(Casati & Dokic 2010: 1-2)

E como você pode adivinhar, confusões análogas ocorrem na literatura sobre cores. Embora o site da NASA repetisse a conhecida história de que Newton mostrou que *as cores* são refratadas pelo prisma, o próprio Newton nunca viu a situação desse modo: “de fato raios [de luz], propriamente caracterizados, não são coloridos. Neles não há nada mais que um certo Poder ou Disposição para provocar uma Sensação desta ou daquela Cor” (1704: 124). Sorensen cita essa observação (166) e comenta que muitos dos seguidores de Newton a subestimaram. E como! Uma vez que a situação é bem compreendida, como se pode sequer levar a sério a tese *mágica* que de que meras ondas de luz têm cor? Teríamos que concordar com o Capitão Óbvio, citado na Desciclopédia inglesa, para quem “a cor é um truque da luz, ou algo assim!” [Colour]. E embora Sorensen talvez não concorde com isso (não fica claro), tudo indica que podemos excluir a teoria 2: as cores não estão na luz.<sup>3</sup> E eu, agora certamente contra Sorensen, além de contra outros, digo o mesmo sobre os sons: não estão no ar; mera vibração não tem meios de ser *sonora*.

Restariam assim duas opções: cores e sons estão nos objetos, que é onde *parecem* estar, ou estão na mente do observador. A última opção, como vimos, é descartada por Pasnau — e também por O’Callaghan e Westphal,

<sup>3</sup> Não fica clara a posição de Sorensen pois, como vimos, ele fala como se as cores dos *filtows* estivessem na própria luz (168), mas também afirma que “se a luz é o portador da cor, então sombras não podem ser pretas” (212) e pensa que sombras de fato são pretas — implicando, pois, que a luz não é o portador da cor.

entre tantos outros. E quanto a Sorensen? Apesar de pensar que sons são ondas acústicas, sua posição sobre cores é eclética. Desde o início de *Seeing Dark Things* ele fala como se cores fossem propriedades objetivas das coisas: diz que silhuetas “parecem pretas e são pretas” e que “a verdadeira cor [da silhueta da Lua no eclipse] é preta e iria ser vista deste modo por um observador acima da atmosfera”<sup>(29)</sup> (ênfases minhas). Também diz que “à noite, o ambiente oferece muito pouca luz para que nós vejamos as cores dos objetos. Os objetos ainda são coloridos à noite”<sup>(234)</sup>. Mas ele também reconhece a existência de “experiências visuais que são independentes da visão. Cores podem ser experienciadas ao se pressionar seus globos oculares, inalar alucinógenos ou receber um golpe na cabeça”<sup>(250)</sup>. Tais cores, é claro, não podem ter nada a ver com a luz ou com objetos materiais externos. Como ele também parece aceitar que a própria luz pode ser colorida (cf. nota 3), tudo se passa como se ele aceitasse as três teorias ao mesmo tempo.

Seja como for, o filósofo David Hume disse em 1738 – em torno de um século depois de Descartes – que “sons, cores, calor e frio, de acordo com a moderna filosofia, não são qualidades nos objetos, mas percepções na mente”. Tal comentário aparece na entrada **Cor**<sup>(2012: 3)</sup>, da SEP, escrita pelo filósofo das cores Barry Maund, quem continua nos informando que “físicos que concordam com essa doutrina incluem os luminares: Galileu, Boyle, Descartes, Newton, Young, Maxwell e Helmholtz. Maxwell, por exemplo, escreve: ‘Parece quase uma banalidade dizer que cor é uma sensação; e no entanto Young, por honestamente reconhecer essa verdade elementar, estabeleceu a primeira teoria consistente da cor’<sup>(1890)</sup>”<sup>(2012: 3)</sup>. Ele então menciona o cientista cognitivo S. K. Palmer:

Pessoas acreditam universalmente que objetos parecem coloridos porque eles são coloridos, exatamente como nós os percebemos. O céu parece azul porque é azul, grama parece verde porque é verde, e sangue parece vermelho porque é vermelho. Por mais surpreendente que possa parecer, essas crenças estão fundamentalmente erradas. Nem objetos nem a luz são realmente ‘coloridos’ em nada parecido com a maneira como nós os experienciamos. Em vez disso, cor é uma propriedade psicológica de nossas experiências visuais quando nós olhamos para objetos e luzes, não uma propriedade física dos objetos ou luzes. As cores que vemos são baseadas em propriedades físicas dos objetos e luzes que nos causam vê-los como coloridos, certamente, mas essas propriedades físicas são diferentes em aspectos importantes das cores que percebemos. (1999)



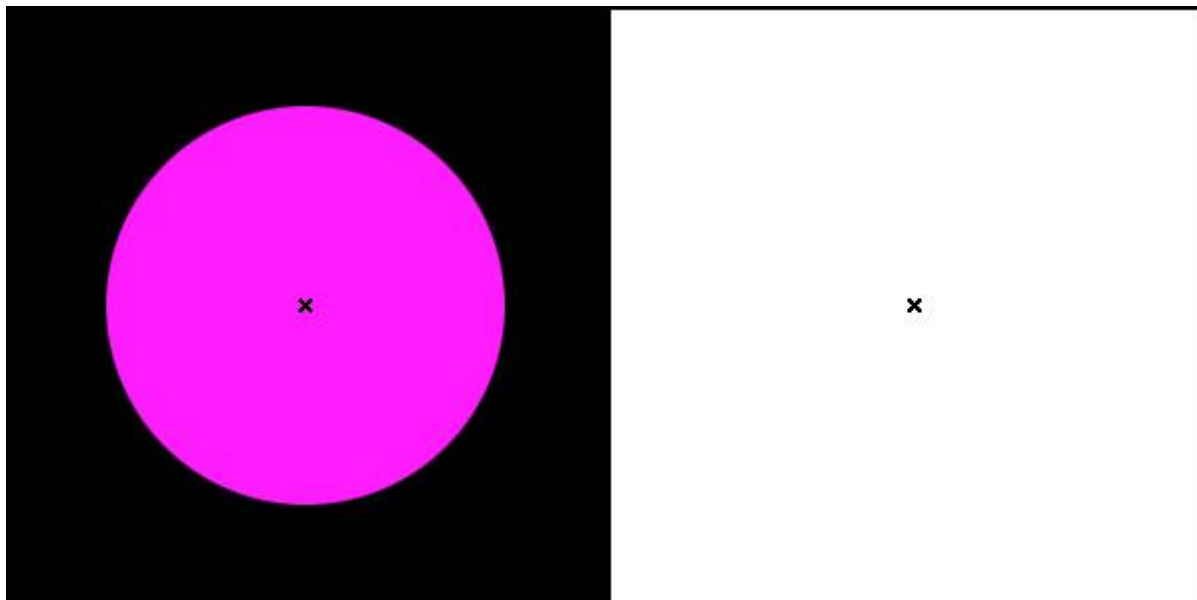
Outros continuam discordando. O restante da entrada da SEP, como é normal, segue detalhando toda a complexidade do debate, identificando “cinco principais teorias rivais”<sup>(2012: 9)</sup>, entre teorias realistas (as cores existem nos objetos) e subjetivistas (as cores estão na mente).

Minha própria opinião, praticamente uma certeza, é que Hume, Maund e Palmer estão certos: as cores estão na mente. Preto é uma cor exatamente no mesmo sentido em que azul e amarelo o são: é literalmente uma espécie de ‘tinta mental’ ou ‘pigmento virtual’ que existe dentro da consciência. E o que é considerado preto, portanto, é apenas aquilo que é *pintado de preto* pela mente: corvos, sombras plenas, o céu noturno, a escuridão, vestidos de cocktail, as letras da página, etc.

Em si mesma, a realidade não-mental é totalmente incolor. O que vemos, ao abrir os olhos, é uma interface visual subjetiva, um tipo de ‘Windows mental’ no qual o impacto bruto dos fótons é traduzido em imagens e cores (e isso só após tal impacto ser convertido em sinais neuroquímicos igualmente incolores!). É claro que isso parece um milagre: cores, *em si mesmas*, simplesmente não são algum conjunto de partículas, alguma ondulação luminosa ou alguma propriedade da superfície de objetos; em suma, não são nada de material, nada que exista estendido no espaço físico. Então são o quê? Não se sabe. E o mesmo vale para os sons. E também para os odores e o frio, as emoções e a dor, enfim, para tudo o mais que se passa na consciência subjetiva – sensações que, em filosofia da mente, se chamam de *qualia*. É um absoluto enigma, de fato o maior da ciência e da filosofia, como o cérebro físico é capaz de gerar tal esfera virtual, qualitativa... e imaterial. *Mas o cérebro o faz*. É um fato dado, imediato, para qualquer pessoa consciente. Esse é o famoso mistério da consciência. O fato, contudo, é tão inexplicável e surreal que pensadores de índole materialista ou cientificista resistem ferozmente a aceitá-lo. Não é surpresa, por exemplo, quando Sorensen nos informa que “o fisicalista J. J. C. Smart nega que pós-imagens possuem cor”<sup>(216)</sup> – onde ‘pós-imagem’ é aquela imagem fantasmagórica que você continua vendo após parar de olhar, talvez fixamente, para algo brilhante...

Considere o caso da pós-imagem vista por uma atriz, causada pelo flash de uma câmera. Se a atriz vê a pós-imagem, então ela deve estar vendo mais que objetos físicos. Para evitar essa proliferação de objetos visuais, alguns filósofos negam que a atriz está vendo a pós-imagem.<sup>(71)</sup>

Agora você pode decidir por si mesmo se vê ou não uma pós-imagem e, caso a veja, se ela tem ou não alguma cor. Apenas fixe o olhar por 30 segundos no **x** do disco à esquerda e então olhe imediatamente para o **x** da direita. Em menos de cinco segundos você encontrará sua resposta.



Minha experiência, ao menos, é inequívoca: após um ou dois segundos começa a surgir um círculo (um tanto difuso) gritantemente verde no lado direito. E é claro que esse círculo – e esse verde – não existem nem fora da minha cabeça e nem mesmo *fisicamente dentro*: não é como se um neurocientista, ao abrir meu cérebro na hora certa, pudesse encontrar esse objeto. E no entanto o objeto existe; do contrário, eu não o veria. Onde ele existe? Nesse bizarro “espaço virtual” que é a consciência subjetiva em primeira pessoa. De fato, o que estou afirmando é que todas as cores (e sons, dores, sensações) existem exatamente desse mesmo modo. Eu adoraria agora tentar tornar esse impressionante fato *inegável*, mas o lugar de fazê-lo será num texto sobre o mistério da consciência, não aqui.

O que sim importa aqui é a conclusão: picuinhas e confusões científicas à parte, há um sentido muito natural – baseado na realidade dos *qualia* mentais – no qual preto é uma cor, a escuridão é preta, o som é mental e a ausência de som pode ser tão ouvida quanto o som<sup>4</sup>. Se é tão comum vermos especialistas negando esses fatos, é provavelmente porque tais fatos ajudam a tornar evidente aquilo que a prevalente ideologia materialista considera intragável: que o cérebro, de algum modo, gera uma bolha virtual pa-

---

<sup>4</sup> Não que o silêncio, como o preto, seja um *quale*, isto é, uma sensação positiva. Em vez disso, o silêncio é uma ausência de *quale* sonoro. Mas é exatamente por existir uma esfera mental auditiva ativamente registrando o ambiente, e por isso *registrando* a ausência de som, que se pode falar em “ouvir o silêncio”.

tentemente imaterial – a consciência. Como resumiu o filósofo John Searle, “se tivéssemos de descrever a mais profunda motivação do materialismo, poderíamos dizer que é simplesmente um horror à consciência” (1992: 82). Materialistas dirão que aceitar um fato tão estranho é anticientífico. Mas a única coisa anticientífica, em tudo isso, é a típica atitude ideológica de negar fatos – ainda mais quando se trata do fato mais óbvio que há.

## Continua na Parte V

[antiutopia.space](http://antiutopia.space)

### Referências

Aranyosi, I. 2008: Review of Roy Sorensen, *Seeing Dark Things: The Philosophy of Shadows*, *Australasian Journal of Philosophy* 86 (3): 513-515.

Casati, R. & Dokic, J. 2014: ‘Sounds’, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2014), Zalta (ed.)  
• <https://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/sounds>

Hardin, C. L. 1988: *Color for Philosophers*. Hackett.

Magee, B. & Milligan, M. 1995: *On Blindness*. Oxford: Oxford University Press.

Maud, B. 2012: ‘Color’, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2012), E. N. Zalta (ed.)  
• <https://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/color>

Newton, I. 1704 (1952): *Opticks*. New York: Dover.

O’Callaghan, C. 2011: ‘On privations and their perception’, *Acta Analytica* 26, 175-186

Palmer, S. K. 1999: *Vision Science*. Cambridge, MA: MIT Press.

Pasnau, R. 1999: ‘What is sound?’, *Philosophical Quarterly* 49: 309–24.

Rock, I. 1975: *An Introduction to Perception*. London: Macmillan.

Searle 1992 (1997): *A Redescoberta da Mente*. Martin Fontes: São Paulo.  
Tradução: Eduardo Pereira e Ferreira.

**Sorensen, R. 2008:** *Seeing Dark Things: The Philosophy of Shadows*, Oxford: Oxford University Press